

## OS TERCETOS DE AFRÂNIO PEIXOTO:

### Contribuição para uma compreensão das origens do Haikai e do Poetrix no Brasil

- dedico este texto aos poetrixas portuguesas e galegas, pela poesia que nos une –

O haikai no Brasil é um octógono de acalorados debates. Comecei a fazer parte deles em 1999 – exatamente 80 anos após a primeira citação e publicação de haikais em livro, no Brasil - quando lancei a proposta da linguagem poética chamada POETRIX, através do Manifesto Poetrix, na III Bienal do Livro da Bahia (então chamada Feira Internacional do Livro). Aplaudido por muitos, execrado por outros, o poetrix foi ganhando adeptos em todo o Brasil e em outros países. À época, minha intenção era clara: “libertar o terceto das amarras do haikai”, como bem citou o poeta amazonense Aníbal Beça, quem primeiro observou que os meus tercetos não eram haikais, o que me levou a criar esta alternativa.

O momento mais auspicioso do Poetrix aconteceu em 2011 – mais uma vez, coincidentemente, 80 anos após a primeira publicação de haikais de autor brasileiro em livro - quando o MIP - Movimento Internacional Poetrix lançou a coletânea 501 POETRIX PARA LER ANTES DO AMANHECER (Salvador: Editora Livro.com, 2011), na X Bienal do Livro da Bahia, no estande da referida, da escritora e editora Márcia Tude, reunindo 84 autores de língua portuguesa radicados no Brasil, EUA, Portugal e Angola. Um pouco antes ela fora apresentada na Universidade de Santiago de Compostela, Galícia, Espanha e lançada no Clube Literário do Porto, em Portugal, contando com a presença dos poetrixas portugueses Anthero Monteiro, Martinho Branco e Eduardo Roseira, viagem que realizamos em intercâmbio proporcionada pela Jornada Literária da Universidade de Passo Fundo (RS). Esta coletânea traz, em sua introdução, um ensaio intitulado *O Poetrix e Seus Precursores: Uma Pequena História do Terceto no Brasil*, escrito por Alvaro Posselt, Fávio Vieira, Goulart Gomes, Gustavo Felicíssimo e Jussara Midlej, além dos dois manifestos e do texto orientativo *Bula Poetrix*, escrito por Jussara Midlej, Hércio Afonso de Almeida e Goulart Gomes.

As duas publicações citadas, pioneiras sobre haikai, foram realizadas por um escritor baiano, Afrânio Peixoto (1876-1947): *Trovas Populares Brasileiras*, de 1919 e *Missangas*, de 1931. Essa informação consta da obra *O Haikai no Brasil*, de H. Masuda Goga (São Paulo: Editora Oriente, 1988). Este pequeno livro, de apenas setenta páginas, que conheci em 2001, foi então revelador. Nele está não apenas as informações mais significativas sobre o desenvolvimento do haikai no Brasil, como também comentários sobre seus principais embates.

Em sua obra, Masuda Goga já nos chama a atenção para algumas dificuldades da prática do haikai (também chamado haikai ou haiku) no Brasil. A primeira delas está no capítulo *Três Correntes de Opinião sobre o Haiku*, que seriam:

a) *os defensores do conteúdo do haiku*, “que consideram características peculiares do haiku a concisão, a condensação, a intuição e a emoção – concepções essas geradas pela inspiração do zen-budismo”. O principal defensor dessa proposta é o haijin baiano Oldegar Vieira, já falecido, com quem cheguei a estabelecer alguns diálogos, quando em vida;

b) *os que atribuem importância à forma*, aspecto defendido pelo poeta Guilherme de Almeida, com rimas e título, aproximando-o das escolas simbolista e parnasiana, que predominavam à sua época, e

c) *o admirador da importância do Kigo – palavra ou termo relativo à estação do ano*, que é correlacionada com um sentimento, critério defendido por Jorge Fonseca Júnior, sob influência de Kiyoshi Takahama.

d)

A outra dificuldade é citada no capítulo *Tradução do Haiku*, em que ele fala da grande dificuldade em se traduzir o haikai do idioma japonês para o português. Ele observa que:

“Contudo, é um trabalho muito difícil ‘superar’ as diferenças entre a cultura japonesa e a estrangeira. Não só é quase impossível trasladar os dezessete sons do haiku para dezessete sílabas do português, como são praticamente intraduzíveis os significados de termos como *wabi* (sentimento de profunda solidão, mistério da solidão) ou *sabi* (pátina do tempo, mistério da transformação, desolação e beleza da solidão)”.

Guilherme de Almeida, em seu histórico artigo *Os Meus Haicais*, publicado em 28 de fevereiro de 1937, no jornal O Estado de S. Paulo, faz uma reflexão complementar:

“Uma tarde, há pouco tempo, eu me perguntei: - será possível o haikai em outra língua que não a japonesa? Franceses de hoje, como Jules Supervielle, Tristan Derime, Robert de Souza, Fernand Lot; alemães, como Ernst Wohlfarth, Otto Thonak, F. Rumpf; e ingleses, e italianos e até já alguns patricios meus, têm tentado o haikai, mas sem disciplina, sem um eficiente trabalho de aclimação, uma justa observância e adaptação dos processos e ritmos originais: apenas li-vre-men-te. Referindo-se a tais tentativas, declarou um grande espírito do Japão, na noite de 5 de maio de 1936, quando conviva de honra do jantar do P.E.N. Club de Londres, rematando o seu discurso no Pagani's Restaurant: "Penso que não é possível tentar a forma de dezessete sons em língua alguma que não a japonesa. O Poeta, que quisesse escrever poemas como os haicais, bem andaria em escolher uma pequena forma poética que melhor se adaptasse à sua língua materna"... Ora, eu quero até certo ponto contrariar - e contrariar é sempre a maneira mais evidente de admirar - a absoluta autoridade do grande Takahama Kyoshi. Todos os elementos e todos os

processos do haikai podem ser encontrados e empregados na poesia nossa, geograficamente antípoda da sua.“

E partindo destas e de outras considerações, cria o seu próprio haikai, que passaria a ser conhecido como haikai guilherminiano, apresentado nesse mesmo célebre artigo, em que ele justifica a sua proposta:

Servindo-se de todos esses recursos técnicos; e ainda das mesmas onomatopéias, aliteraões, etc., que caracterizam os epigramas japoneses dos dezessete sons, e mais, procurando assimilar aquele "senso do símbolo" que possui, como nenhuma outra, a gente do outro-lado-do-mundo (senso esse que é a grande lição levantina, e tão extremado que faz, como diz Bonneau, com que, no haikai, "o sentido profundo do poema não tenha, às vezes, qualquer analogia com as palavras que o compõe"); e, afinal, acrescentando à minúscula pastilha nipônica um dourado todo nosso - a rima - a única corda que conseguimos acrescentar à lira dos gregos, essa "Rime, qui donnes leurs sons Aux chansons" (Banuille); chego a estabelecer a fórmula do "meu" haikai.

Agora, no começo de 2012 conheci a excelente obra *Oku – Viajando Com Bashô*, de Carlos Verçosa (Salvador: EGBA, 1995), que além de transcreever a obra *Sendas de Oku*, de Kinsaku Matsuo Bashô (1644-1694), com várias traduções em espanhol e inglês, traz uma biografia do grande haijin zenbudista japonês e um meticuloso ensaio sobre a *Presença do Haikai na Poesia Brasileira*. Nesse ensaio há um capítulo intitulado *Pioneirismo Baiano*, no qual o autor ressalta, mais uma vez, o pioneirismo de Afrânio Peixoto ao citar e, depois, publicar o haikai, no Brasil.

Afrânio Peixoto nasceu em 17 de dezembro de 1876, na cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina, uma das regiões mais bonitas da Bahia, aonde sempre realizo longas caminhadas. Após uma breve passagem por Canavieiras, ele vai residir em Salvador, em 1890. Ingressa na Faculdade de Medicina com 16 anos de idade, concluindo o curso cinco anos depois, período em que se dedicou ao estudo da epilepsia. Em 1902 transfere-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhará no Hospício Nacional de Alienados, chegando a diretor do mesmo. Em 1907 já o encontraremos como Diretor do Serviço Médico-Legal do Rio e, em 1911, é eleito para a Academia Brasileira de Letras, com 35 anos, na cadeira deixada por Euclides da Cunha, vindo a ser seu presidente em 1923. Em 1935, inaugurará, em Lisboa, o Instituto Brasileiro de Alta Cultura e receberá o título de *doutor honoris causa* pela Universidade de Coimbra. Exerceu cargos políticos, sempre se posicionando contra a Ditadura Vargas. Em paralelo a toda esta atividade profissional, foi autor de inúmeras obras literárias, com destaque para os romances *A Esfinge*, *Maria Bonita*, *Fruta do Mato*, *Bugrinha*, *As Razões do Coração*, *Uma Mulher Como as Outras* e *Sinhazinha*, publicados em volume único pela editora José Aguilar. Viria a falecer em 12 de janeiro de 1947, na sua residência à Rua Paissandu, 149, no Rio de Janeiro.

Encantado com todas estas histórias do terceto no Brasil, com tamanha contribuição dos poetas baianos, arvorei-me a conseguir adquirir aquelas duas raríssimas obras de Afrânio Peixoto, que primeiro chamaram a atenção para o haikai no Brasil. É inegável que o Poetrix é um sucessor do terceto japonês, adaptado às nossas época e cultura, daí sentir-me como um continuador desta epopeia que teve início há quase 100 anos. Assim, após percorrer alguns sebos, reais e virtuais, tive a felicidade de encontrar e adquirir os dois livros, em suas primeiras edições: *Trovas Populares Brasileiras*, de 1919 e *Missangas*, de 1931 (fotos no site *Território Inimigo*, [www.goulartgomes.com](http://www.goulartgomes.com)), que irão se juntar às demais primeiras edições citadas na bibliografia deste ensaio. Além da emoção de ter essas obras em mãos, senti estreitar-se ainda mais os elos que me unem àquele escritor, ao ler a dedicatória autografada que consta em *Missangas*: **“Ao Amigo desconhecido (ou muito conhecido...) homenagem de Afranio Peixoto / 149, Paisandu, Rio”**. Era como se ele a tivesse escrito para mim!

*Trovas Populares Brasileiras* (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves) é uma compilação de 1.000 trovas de domínio público, colecionadas e prefaciadas por Afrânio Peixoto, agrupadas por temas. No prefácio ele observa que aquela obra dá seguimento às mil trovas portuguesas, publicadas por Agostinho de Campos e Alberto d’Oliveira, em Portugal. A capa, traz a imagem de uma bela moça, vestida com trajes típicos que a fazem parecer mais uma camponesa lusitana que uma brasileira. O autor comenta, ainda, das dificuldades de distinguir se determinada trova era de origem portuguesa ou brasileira, comentando: “Não é fácil suprimir de nós o que temos de lusitanos. Quando Portugal o reclama, nós lho restituímos, e já é muito: quando não, é nosso, pois fomos dele e ainda não somos bem nossos”.

O prefácio é um verdadeiro ensaio sobre a importância e beleza da poesia popular, que ele exemplifica citando a relevância do haikai para o povo japonês. Transcrevo, aqui, na íntegra, o trecho em que ele se refere ao terceto japonês, mantida a ortografia da época:

Os Japoneses possuem uma forma elementar de arte, mais simples ainda que a nossa trova popular: é o *haikai*, palavra que nós ocidentais não sabemos traduzir senão com ênfase, é o *epigrama lírico*. São tercetos breves, versos de cinco, sete e cinco pés, ao todo dezassete sílabas. Nesses moldes vasam entretanto emoções, imagens, comparações, suspiros, desejos, sonhos... de encanto intraduzível (1). E não são alguns japões que as fazem, senão todos, com mais ou menos felicidade. O haikai é uma sensação lírica que todos sentem e podem exprimir. Por isso do homem do povo mais humilde ao letrado mais culto, todos teem as suas trovas, ingênuas, subtis, simples ou profundas, mas todos os que seão poetas, - o poeta é apenas, e é tudo, sentir intimamente e exprimir sinceramente – todo o mundo, em suma, será capaz de epigramas líricos.

---

(1) Exemplos para compreensão:

*Uma pétala caída  
Que torna a seu ramo:  
Ah! É uma borboleta!*

Há impressão mais deliciosa?

*Esta corola de lírio  
Que continuamente  
Me voltar as costas...*

É flor ou mulher?

*Só deste lado  
É que o pulso bate:  
O ramo floresceu!*

As árvores vivem, e teem coração, fica-se a pensar...

*A árvore despojada  
Sofre o suplício  
Para dar a essência...*

Não é só a planta resinosa da laca que acode ao nosso pensamento...

E êsses versos que vão do povo, são também de grandes poetas, Montake, Shiko, Buson... que não desdenharam ser *hajjins* ou tropeiros populares. A arte de fazer essa canções, que parecem tão espontâneas, porque simples e perfeitas, doutrinou um dêles, talvez o maior, Bashô, aos seus discípulos: “na composição, não se vá compor de mais... Perder-se-ia o natural. Que vossos haikais venham do coração...” (Vid. P. L. Couchoud – *Sages et poètes d’Asie*, Paris, 1918).

A razão de tudo deu com ela o nosso Catulo Cearense: é que “a poesia vem do amor” e quem quer que ame a natureza, a vida, seus encantos e suas mágoas, o sonho, seu delírio ou sua decepção... e o diga, será poeta; se o disser bem, com sinceridade ou exactidão, grande poeta”.

*Afrânio Peixoto  
Da Academia Brasileira  
Petrópolis, Abril, 1918*

Este breve texto inaugurava a propagação do haikai no Brasil. Doze anos depois, em 1931, Afrânio viria a publicar *Missangas – Poesia e Folklore* (São Paulo: Companhia Editora Nacional. São onze capítulos, sendo o décimo intitulado *O Haikái japonês ou epigrama lirico*. Mais uma vez, o autor promove um resgate do que então era considerado como cultura popular, registrando superstições, vocabulários, adágios, brasileirismos, trovas, histórias e, inclusive, uma poesia indígena, certamente das primeiras escritas em nosso país, no capítulo *Origem da Poesia Brasileira*.

Antes de transcrever, abaixo, as quinze páginas do citado capítulo, gostaria de fazer uma observação inédita, estranhamente omitida pelos pesquisadores que anteriormente se referiram a esse livro: **todos**, simplesmente **todos** os haikais publicados por Afrânio Peixoto - discretamente atribuídos a “o mais íntimo dos meus amigos”, que hoje sabemos ser ele próprio – possuem **título**. Ora, sabemos que o haikai em sua forma original **não possui título**; mas o poe-trix, sim. Em seus haikais, como poderá ser lido abaixo, Afrânio percorre temas muito diversos, como fazemos no poe-trix, e que estão muito aquém do *kigo* ou da habitual temática nipônica. Além disso, nem sempre ele é fiel à rigidez das dezessete sílabas e, como sabemos, o poe-trix admite até trinta sílabas no terceto. Vejamos o texto de Afrânio (ortografia original):

## X

### O “HAIKÁI” JAPONÊS OU EPIGRAMA LIRICO

#### ENSAIO DE NATURALIZAÇÃO (1)

(1) A primeira versão deste ensaio saiu publicada na revista *Exselsior*, Jan. 1928, p. 18-20.

O elogio da brevidade é de todas as artes poeticas, bem que a humana contrariedade, por excepção, tenha tentado e, às vezes, conseguido, longas obras interessantes. Trazem, estas, porém, a propria e inevitável condenação. Continuará a ler-se, da “Divina Comedia, o “Inferno”; a reler-se, do “Inferno” o Canto V; deste, se treslerá, com emoção sempre nova, o episodio de Francesa da Rimini... O mais serão citações. Dos “Lusiadas”, que são um breviário nacional de arte e historia, lingua e emoção, raros letrados os terão lido seguidamente, da primeira à ultima estancia; rarissimos os terão relido...

Considero, e o proclamo, como feito honroso para mim: assim como Taine lia, uma vez por ano, a “Chartreuse de Parme”, de Stendhal, faço o mesmo, e há muitos anos, ao poema de Camões... Contudo, convenho que a voga do lirico dos “Sonetos” é maior, no nosso tempo, pelo limite breve dessas poemas de quatorze versos... Já o dissera o clássico:

*Um sonnet sans defect vaut seul un long poême.*

E evitam-se os longos poemas. Já se evitam os sonetos... Duas das glórias do nosso tempo condensam, em versos exíguos, poesias que, de tão concentradas, adquirem carácter hermetico, exigindo interpretação; Mallarmé ou Valéry são parcos e sibilinos: charadas em versos ou enigmas poeticos.

Estes modernos estão, aliás, na lei classica: *“Esto brevis”*, disse Horacio. *“les ouvrages les plus courts sont toujours meilleurs”*, repetiu la Fontaine. A voga da trova popular, hoje em dia, corresponde à dos pequenos poemas da “Antologia”, numa unanimidade, erudita e demotica, antiga e recente.

\*  
\*   \*  
\*

Pois bem; há quem exceda, em brevidade, a essa trova popular, de quatro versos, ou vinte e oito pés metricos. É o “haikái” japonês, pequeno poema de tres versos, de cinco, sete e cinco pés metricos, respectivamente, que resumem uma impressão, um conceito, um drama, um poema, às vezes deliciosamente, não raro profundamente.

Lembram os epigramas gregos e foi como, em linguagem ocidental, B. A. Chamberlain traduziu o japonês “haikái”; epigrama lirico. (Dispenso-me da reflexão sobre o sentido desta palavra “epigramma”; Ronaldo de Carvalho já explicou, ao indigena, que não era forçosamente uma expressão satirica, mas apenas breve poema, ironico ou sentimental, como os seus epigramas).

Toda a gente os faz no Japão, não só o vulgo, os “haijins”, ou troveiros populares, senão também grandes poetas, Sôkan, Montakê, Shikô, Iorikito, Buçon... E não é facil, porque poucos sabem limitar-se, e menos conseguem omittir. Gostava Mario de Alencar de repetir o conceito de Stevenson – “quem tiver arte de suprimir, fará, de um numero do “Times”, uma “Iliada”. Porque a perfeição, na exiguidade, demanda tempo. Pascal excusava-se de uma das mais longas “Provinciaes” – “não tivera tempo de faze-la mais curta”...

Não é só. Bashô, o mestre de todos os grandes liricos japonesês do “haikái”, doutrinou: “Na composição não se vá compôr de mais. Perder-se-ia o natural. Que vossos pequenos poemas venham do coração”. À doutrina juntemos exemplos:

*Na alcova desfeita,  
Onde não há mais ninguém,  
Uma flor cahida...*  
(BASHÔ)

Não é um quadro e um poema?

*Se na lua cheia  
Imaginarmos um cabo...  
Uma ventarola!  
(SOKAN)*

É uma jocosa imagem...

*Pétala caída  
Que torna de novo ao ramo:  
Uma borboleta!  
(MORITAKÊ)*

Ha impressão mais deliciosa?

*Lirio teimoso,  
Porquê, continuamente,  
Tu me dás as costas?  
(SHIKÔ)*

É flor ou mulher?

*Na festa das flores  
Acompanhado pela mãe  
Um pobre ceguinho  
(KIKAKU)*

Não é doloroso este contraste?

*Pensei que nevava  
Lirios... Minha branca amada  
Vinha aparecendo...  
(IORIKITO)*

Que lindo alvorecer!

*Árvore despojada  
Soffre o supplicio  
Mas dá a essencia.  
(BUÇON)*

Não é só o arbusto da laca que ao nosso pensamento nos acode.

Finalmente, se o haikái deve vir do coração, não os deve produzir o mau coração... Todos os criticos citam aquele poema de Kikaku:

*Libélula rubra  
Se as asas te arrancam...  
Ah, uma pimenta!*

Seu mestre, Bashô, condenando a crueldade, de pensamento, feita à inocente criatura, emendou:

*Pimenta madura,  
Se te ajuntam umas asas...  
Ah! Rubra libélula!*

E não só para as sortes diversas do lirismo, se não para a sátira, a poesia social, se presta o haikái. Shoká, poeta do século XVI, resumiu em três poemas minúsculos a política de três estadistas que, do Japão feudal, fizeram um império centralizado; o terrível Nabunoga, o habil Hideoyshi e o paciente Iedaçu:

*Se elle não canta,  
Duma vez, matem os  
O formoso cuco!*

*Se elle não canta,  
Façamos cantar  
O formoso cuco!*

*Se elle não canta,  
É esperar que cante  
O formoso cuco!*

Tinha no Brasil Dom João VI como ministros, três condes, comparados por Hipólito da Costa a três relógios:

*O Linhares era  
Como um relógio andando  
Sempre adiantado.*

*O Aguiar, porém,  
Cada vez ia ficando  
Mais atrasado.*

*Pobre do Anadia...  
Irremediavelmente,  
Estava parado!*

Não diz tudo, mais que artigos e livros?

Toda a Europa e toda a América, se têm interessado por esta poesia em gotas de essência, que se pôde diluir, comentar, em longos discursos, de apologia ou exegese crítica. A bibliographia do haikái no Occidente já é considerável. Os livros aparecem. Como no Japão os de Kikaku, por exemplo, tiveram comentador em Meisetsu, em França Kuni Matsu e Steinbilder Oberlin acabam de os traduzir e comentar...

Em francês, inglês, alemão aparecerem "haikáis". Dir-se-há que assim não devesse ser, e ao Japão os devíamos deixar. Então o epigrama ficaria heleno, a sátira romana, o romance novo-latino, o soneto italiano, a balada, a canção, o conto... seriam privativos de certos povos e não universaes formas de arte... O haikái merece naturalização.

Para incitar os poetas nacionaes, tão faceis em obter maravilhas de adopção e de adaptação, o mais intimo dos meus amigos lhes oferece esta recolta de haikáis brasileiros, como se lhes dêsse kakis de Barbacena ou de São Paulo, já naturalizados:

#### SYMBOLO NACIONAL

Num trapo de pano  
Terra, luz, céu... Não é tudo?  
Pendão auri-verde.

#### HISTORIA DO BRASIL

Os dias inteiros  
Destruimos o Brasil:  
Deus à noite o refaz.

#### DEUS É BRASILEIRO

Tudo o que fazemos  
De mau, não dá resultado...  
Deus é brasileiro.

#### SOCIOLOGIA NACIONAL

Em dez brasileiros  
Um sómente é que trabalha.  
O resto... o atrapalha...

#### POLITICA

P'ra que "realizar"?  
Bastam nomeações, conchavos,  
Um bello programa.

#### TRATADO DE ESTHETICA

Olha, sente, sofre,  
E depois... despersionaliza:  
Arte poetica.

#### INSPIRAÇÃO BREVE, ARTE LONGA

Ao mundo em seis dias  
Fez Deus. E p'ra corrigi-lo?  
A eternidade.

#### NO BANHO DE COPACABANA

Tão bela, no mar.  
Que lhe compús um romance:  
Fórma fórma idéa.

## MALLARMÉ OU VALÉRY

Fiz uma charada:  
Não sabia que isto é hoje  
A poesia pura.

## SEJA OSCURO

Núa, os sentidos  
Apenas gozam... vestida,  
A imaginação.

## GENEROS LITERARIOS

A orquestra dos grilos...  
Os faroes dos vaga-lumes:  
Cartas de amor.

## CRITICA

Como ao céu, luz, flores  
Para louvar aos poetas  
Não precisa ser poeta.

## A BELEZA ETERNA

O sabiá canta  
Sempre uma mesma canção:  
O belo não cança.

## DEPOIMENTO

Cego de nascença  
Cobra a vista... – Impressão?  
- De monotonia...

## MEU AMIGO

Estou triste e só...  
Procuro uma companhia  
Ponho-me a cantar.

## SIC VOS NON VOBIS

Vivo, negam tudo...  
Morto, a glória começa...  
E sempre roubado!

## A GLORIA

Imortalidade:  
Outros gozam o renome

Que lhe foi negado...

#### A SORTE

Fumo que se espalha  
Ou fumo que sobe alto:  
Combatido ou não

#### ELOQUENCIA

Não tem, ou não sabe  
O que dizer, e, por isso,  
É que fala muito.

#### SABIO NACIONAL

Só ele não pode,  
Como os outros, aprender:  
Disse que sabia...

#### “ANCH’IO”...

Na poça de lama  
Como no divino céu,  
Tambem passa a lua.

#### COISAS QUE FOGEM

O rio correndo  
Meus olhos o acompanham  
E eu lhes vou atrás...

#### PERFUME SILVESTRE

As coisas humildes  
Têm seu encanto discreto:  
O capim melado...

#### JOALHERIA ORIENTAL

Na grama o sereno:  
Ó que lindos diamantes  
Fez o sol nascente!

#### OPINIÃO SOBRE MODAS

Observei um lírio:  
De facto, nem Salomão  
É tão bem vestido...

#### CONSELHO OU CONSOLO?

Alecrim pisado

Não é o que mais rescente?  
Seja pois assim...

#### FUJÃO

Quanto parti hontem  
Procurei meu coração.  
Havia ficado...

#### PRESENTIMENTO

Estou em contente;  
Não sei porquê, mas estou:  
A minha amada!

#### DISPARIDADE

Derrete-se o gelo.  
Porém se resfria a agua:  
Ela fria, eu ardo...

#### TIMIDEZ

Decidi commigo  
Tudo, hoje, lhe dizer...  
Nem pude falar...

#### SÓ OS OUSADOS SÃO FELIZES

Sem pedir, o vento  
Derruba as flores no chão...  
Eu nunca ousei.

#### PORQUÊ?

Ao passar do túnel  
Se descoraram teus lábios  
Coraram-se os meus

#### TRINDADE UNA

Antes, minha mãe.  
Durante, não, meu amor!  
Depois, minha irmã...

#### RESUMO

Filho... nosso filho!  
Nosso coração fundido  
Noutra criatura...

#### SEU COLAR DE PÉROLAS

No céu so seu cólo  
As estrelas fazem ronda,  
Adorando o rosto...

“MOT D’ORDRE”

Já desabrocharam,  
Como a ordem recebida,  
Todos os lírios.

“COMPLOT”

Pela minha rua  
Rescendem todas as dracênas:  
Há combinação.

EMULAÇÃO

Quando um galo canta  
Os outros todos respondem:  
Nenhum quer faltar.

CONFIDENCIAS

Está a solteirona  
Dialogando consigo  
Falando ao gatinho.

COMPARAÇÃO

Um aeroplano  
Em busca de combustível...  
Oh! é um mosquito

CONTRASTE

Asilo de expostos...  
Flamboyants floridos...  
É compensação?

IMPRESSÃO

Meu jasmineiro:  
Estrelas que demaiaram  
Sobre folhas verdes...

PSYCHOLOGIA MILITAR

Chora o soldadinho,  
Porem marche, lute, vença...  
Venceu... o batalhão.

HERANÇA

Ele pó, modesto  
Ela neve, pura: deram  
Um pouco de lama.

#### CAUSA E EFEITO

Bêbê, quando cáe.  
Bate raivoso no chão:  
A causalidade.

#### DESCRENÇA

Sujo, rasgadinho,  
Com fome, trêmulo de frio,  
E Deus não é pae?

#### MENINOS DA FAVELLA

Chove... os sapatos  
Nas mãos, chegam à escola,  
P'ra os não molhar...

#### POBRE ENVERGONHADO

Merendam os outros,  
Só, a latinha vazia,  
Finge ele comer...

#### COMO OS CÃES DA RUA

Na lata de lixo,  
Coitadinho, procurava  
Um naco de pão...

#### ASSOCIAÇÃO DE IDÉAS

Novembro. Florescem  
Flamboyants... Os exames!  
É assim a vida.

#### ARTE DE RESUMIR

O ipê florido,  
Perdendo todas as folhas,  
Fez-se uma flor só.

#### CRITICA À CREAÇÃO

O boi come a grama  
E nós o boi. Deus não teve  
Imaginação.

Sem comentários: é a minha crítica, ao meu amigo. Não sei se os seus haikais se poderão comparar aos kakis de Barbacena ou São Paulo. Ele terá os seus Meisetsu comentadores que, ao contrário do outro, lhe arrancarão as asas.

Afrânio Peixoto

Ora, é evidente que sempre devemos respeitar a classificação que um autor dá aos seus trabalhos, como observava Machado de Assis, mas também temos que analisá-los à luz dos conceitos contemporâneos. Certa vez, em diálogo através de e-mails, perguntei a Alice Ruiz, que foi esposa de Paulo Leminski, se alguns dos tercetos do grande haikin curitibano não poderiam ser classificados como poetriz, ao que ela respondeu-me:

Oi, Goulart, tenho lido animadamente os poetriz que chegam na minha caixa de correio e acho fantástico esse desenvolvimento paralelo do filho rebelde do haikai. Só não entrei ainda, embora possa recolher vários poetriz nos meus livros anteriores e mesmo em alguns inéditos, vou fazer isso e postar pra turma, estou em dívida, só lendo o que chega, é que falta tempo no meu dia. Quanto ao Paulo, sim, é claro que, como eu, ele fez vários poetriz, pena que ainda sem terem sido batizados por você.

Diante destes fatos é que desejo afirmar: Afrânio Peixoto também escreveu poetriz e, com certeza, de onde estiver, se pode acompanhar a atual produção literária brasileira e portuguesa, com tantos autores publicando poetriz aos milhares, estará feliz em ver que a semente que plantou há quase cem anos, tem dado tantos bons frutos. **O poetriz é a mais perfeita naturalização do haikai!**

Gostaria de encerrar este ensaio apropriando-me de uma citação de Guilherme de Almeida, em seu célebre artigo publicado há exatamente 75 anos, para justificar os seus haikais guilherminos, utilizando-a com os mesmos objetivos, em defesa do Poetriz:

Compreende-se bem: trata-se ainda de uma experiência - mais nada. O que eu reclamo, para esses versos, não são as rugas fundas na testa séria, para a sentença que absolve ou condena; mas as rugas leves, nos cantos dos lábios espirituosos, para o sorriso que não absolve nem condena porque... porque o sorriso é ainda a única coisa, no mundo, que não pode ser ridícula.

Goulart Gomes

Salvador, Bahia, 28 de fevereiro de 2012.

**Sites recomendados:**

[www.movimentopoetrix.com](http://www.movimentopoetrix.com)  
[www.kakinet.com](http://www.kakinet.com)  
[www.goulartgomes.com](http://www.goulartgomes.com)  
[movimentopoetrix.blogspot.com/](http://movimentopoetrix.blogspot.com/)  
[grupoportico.blogspot.com/](http://grupoportico.blogspot.com/)

**BIBLIOGRAFIA:**

GOGA, H. Masuda. O Haicai no Brasil. São Paulo: Editora Oriente, 1988.  
GOMES, Goulart (org). 501 poetrix para ler antes do amanhecer: Salvador: Livro.com, 2011.  
GOMES, Goulart. Minimal, dos males o menor. Salvador: Livro.com Copigraf, 2007.  
GOMES, Goulart. Trix poemetos tropi-kais. Salvador: Pórtico, 1999.  
PEIXOTO, Afrânio. Missangas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.  
PEIXOTO, Afrânio. Trovas Populares Brasileiras. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919.  
PEIXOTO, Afrânio. Romances Completos. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962.  
VERÇOSA, Carlos. Oku – Viajando com Bashô. Salvador: EGBA, 1995.